

Autora com mais de 400 milhões de exemplares
vendidos ao redor do mundo

NORA
ROBERTS



A
Transformação

LEGADO DO CORAÇÃO DE DRAGÃO

• LIVRO 2 •

 essência

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

NORA
ROBERTS

A
Transformação

LEGADO DO CORAÇÃO DE DRAGÃO

• LIVRO 2 •

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Nora Roberts, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Becoming*

Preparação: Ligia Alves
Coordenação editorial: Algo Novo Editorial
Revisão: Natália Mori e Mariana Rimoli
Diagramação: Vanessa Lima
Capa: Renata Vidal
Imagem de capa: Vac1; Sara Winter; Ironika / Shutterstock

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Roberts, Nora

A transformação: legado do coração de dragão: Livro 2 / Nora Roberts;
tradução de Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
432 p.

ISBN 978-85-422-1955-5

Título original: *The Becoming*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Dolinsky,
Sandra Martha

22-5563

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



PARTE I

O retorno

*Se com minha vida ou morte
eu puder protegê-lo, assim o farei.*

J. R. R. Tolkien



O vento açoitava no portal, e Breen sentiu a mão de Marco começar a escorregar. Ela não conseguia enxergar nada, pois a luz brilhava muito e a cegava. Nem conseguia ouvir com o rugido do vento.

Como se houvesse sido jogada pelo vendaval, ela rolou. A mão de Keegan apertava a sua, e com seus dedos desesperados ela mal conseguia segurar a de Marco.

Então, como se alguém tivesse apertado um botão, ela caiu. O ar ficou frio e úmido, a luz se apagou e o vento morreu.

Ela aterrissou, com força suficiente para chacoalhar seus ossos, em uma estrada de terra – notou –, molhada da chuva leve que ainda caía. E, na chuva, sentiu o cheiro de Talamh.

Ofegante, ela rolou até Marco, que estava esparramado, flácido e imóvel, com os olhos arregalados de choque.

— Você está bem? Marco, seu idiota! Me deixe ver. — Ela passou as mãos sobre o corpo dele. — Não quebrou nada. — Acariciou o rosto de Marco enquanto virava a cabeça e rosnava para Keegan. — Mas o que foi isso? Nem da primeira vez que entrei foi desse jeito.

Keegan passou a mão pelo cabelo.

— Eu não contava com o passageiro extra. Nem com toda a sua maldita bagagem. Mesmo assim, nós voltamos, não foi?

— Que porra toda é essa?

Marco se mexeu, e Breen se voltou para ele.

— Não tente levantar ainda. Vai ficar tonto e trêmulo, mas você está bem.

Marco cravou nela seus olhos castanhos enormes e arregalados de choque.

— Com toda essa loucura, você virou médica também?

— Não exatamente. Mas tente acalmar a respiração. Que diabos nós vamos fazer agora? — perguntou a Keegan.

— Sair desta maldita chuva, para começar. — Ele se levantou, alto e irritado, com seu cabelo escuro encaracolado pela umidade. — Eu pretendia sair no pátio da fazenda — apontou —, e olhe que nós nem caímos tão longe assim, considerando todas as coisas que trouxemos.

Ela viu a silhueta da casa de pedra a alguns metros dali, do outro lado da estrada.

— Marco não é uma coisa.

Keegan caminhou a passos largos até Marco e se agachou.

— Muito bem, irmão. Sente-se devagar.

— Meu notebook! — gritou Breen quando viu a pasta na estrada, e correu para pegá-lo.

— Claro, prioridades...

Na estrada, debaixo da chuva, ela o pegou.

— Ele é tão importante para mim quanto a sua espada é para você.

— Se quebrou, conserte. Fácil. — E voltando-se para Marco: — Devagar, calma.

Ouvir Keegan falar assim com Marco fez Breen lembrar que ele sabia ser gentil. Quando queria.

Ela colocou a pasta do notebook a tiracolo e correu para eles.

— Você vai se sentir tonto e estranho. Da primeira vez que entrei, eu desmaiei.

— Homens não desmaiam — disse Marco, mas sua cabeça, rodando, caiu sobre os joelhos dobrados. — Podemos levar um tranco, ser nocauteados, mas não desmaiamos.

— É isso aí — incentivou Keegan, alegre. — Vamos colocar você em pé. Uma ajuda aqui seria bem-vinda, Breen.

— Vou só pegar minha mala.

— Mulheres, pelos deuses!

Keegan estendeu a mão e a mala desapareceu.

— Para onde ela foi? — A voz de Marco falhou, e dessa vez revirou os olhos. — Para onde ela foi?

— Não se preocupe, está tudo bem. Agora levante. Fique apoiado em mim. Nós vamos levar você até lá.

— Não consigo sentir meus joelhos. Ainda estão aqui?

— Exatamente onde deveriam estar.

Breen correu para segurar Marco do outro lado.

— Está tudo bem. Você está bem. Não é longe, viu? Já estamos indo para lá.

Ele conseguiu dar uns passos trêmulos.

— Os homens não desmaiam, mas vomitam. E é o que eu vou fazer.

Breen pressionou o estômago de Marco com a mão e acalmou um pouco o enjoo dele. Isso a fez se sentir nauseada, mas ela disse a si mesma que daria conta.

— Melhorou?

— Um pouco, acho. Pelo jeito estou tendo um sonho muito estranho. Breen tem sonhos estranhos — contou a Keegan, parecendo meio bêbado. — Assustadores e estranhos às vezes. Este aqui é só estranho mesmo.

Keegan sacudiu a mão e o portão do pátio se abriu.

— Tipo isso. Mas o cheiro é bom. Parece a Irlanda. Não é, Breen?

— Sim, mas não é a Irlanda.

— Seria bem estranho se a gente estivesse no nosso apartamento na Filadélfia e de repente caísse no meio de uma estrada na Irlanda. “Me leve para cima, Scotty.”

— Essa história é boa — disse Keegan, e abriu a porta. — Chegamos. Deite neste divã aqui.

— Deitar é bom. Ei, Breen, sua mala está aqui. Esse lugar é bem aconchegante. Aconchegante à moda antiga. É legal. Ah, graças a Cristo — Marco comemorou quando o deitaram no sofá. — Eu não desmaiei, viu? Nem vomitei. Ainda.

— Vou fazer um chá para você.

Ele sacudiu a cabeça.

— Prefiro uma cerveja.

— E quem não preferiria? Vou lhe arranjar uma. Fique com ele — Keegan ordenou a Breen. — Seque o corpo dele e o acalme.

— Ele deveria tomar o chá que eu tomei quando cheguei.

— O que vai no chá pode ir na cerveja.

— Ele está falando de droga, né? — perguntou Marco quando Keegan saiu. — Ele deu muita droga para nós, por isso nós estamos juntos aqui neste sonho esquisito.

— Não, Marco. É real.

Ela estendeu a mão para o fogo baixo da lareira e fez as chamas subirem e crepitarem. Acendeu as velas da sala ali de onde estava, ajoelhada ao lado do divã.

Passou as mãos pelas laterais do corpo de Marco para secar a roupa do amigo e depois sobre as próprias tranças, para secar seu cabelo.

— Eu voto no sonho maluco.

— Você sabe que é real. Por que você pulou comigo, Marco? Por que se agarrou em mim e pulou comigo?

— Eu não ia deixar você entrar sem mim em um buraco de luz no meio da nossa sala. E você estava chateada, chorando. Você... — Marco olhou para o teto. — Estou ouvindo alguma coisa. Tem mais alguém na casa.

— Harken, o irmão de Keegan, mora aqui. Ele é fazendeiro. Esta fazenda é deles. Era do meu pai. Eu nasci nesta casa.

Marco olhou para ela.

— Foi o que ele te falou, mas...

— Minha avó me contou, e é verdade. Estou me lembrando de coisas de que não lembrava. Vou te explicar tudo, prometo, mas...

Breen se interrompeu quando Harken e Morena desceram a escada – obviamente depois de se vestirem às pressas, pois a blusa de Morena estava do avesso.

— Bem-vinda! — Com seu cabelo cor de girassol emaranhado, sem os cachos, Morena correu para Breen e a agarrou em um abraço feroz.

— Estamos tão felizes em te ver! — Sorriu para Marco e o fitou com seus olhos azuis. — E você trouxe um amigo! Este é Marco, então? Minha avó disse que você era bonito, e ela nunca está errada. — Apertou a mão dele. — Minha avó é Finola McGill. Eu sou Morena.

— Hum, certo.

— Sou Harken Byrne, seja bem-vindo. Foi dura a passagem, né? Mas nós vamos cuidar de você.

— Já estou cuidando disso. — Keegan entrou com uma caneca.

Marco olhou de um para o outro. Irmãos, evidentemente; a semelhança era aparente nas maçãs do rosto fortes, no formato da boca.

— Cerveja? — comentou Harken. — Bem, contanto que você se lembre de...

— É uma poção básica, Harken. Eu sei o básico tanto quanto todo mundo.

— Poção? — Marco tentou se levantar, mas sua pele escura ficou meio acinzentada. — Nada de poção para mim.

— É uma espécie de remédio — afirmou Breen. — Você vai se sentir melhor depois de beber.

— Breen, esses três até parecem legais, mas podem estar atraindo você para algum tipo de culto. Ou...

— Confie em mim. — Breen pegou a caneca das mãos de Keegan. — Nós sempre confiamos um no outro, não é? Eu sei que é tudo difícil de acreditar, ainda mais de entender. Se bem que, de todas as pessoas que eu conheço, para você vai ser mais fácil, porque já acredita em multiversos.

— Talvez você seja uma impostora, uma pessoa idêntica à Breen, mas não seja a minha Breen de verdade.

— Um impostor saberia que nós fizemos um dueto cantando Lady Gaga enquanto você fazia a tatuagem de uma harpa irlandesa em Galway? Vamos lá, beba um gole. Essa pessoa teria trazido a caneca de sapo rosa que você fez para mim quando a gente era criança?

— Você trouxe? — Ele tomou um gole quando ela lhe mostrou a caneca. — Esse negócio mexeu muito com a minha cabeça.

— Eu sei do que você está falando. Beba mais um pouquinho.

Marco bebeu e examinou as três pessoas que o observavam.

— Então... vocês são tipo bruxos.

— Eu não. — Sorrindo, Morena abriu suas asas violeta de pontas prateadas. — Eu sou fada. Breen tem um pouco de *sidhe* também, mas não o suficiente para ter asas. Quando nós éramos pequenas, ela queria ter. — Morena se sentou na beira do sofá. — Nós éramos amigas, sabe? Amigas boas e fortes, como irmãs, quando éramos pequenas. Eu sei que você é um amigo bom e forte para ela, tipo um irmão, há muito tempo lá do outro lado.

Sentada sobre os calcanhares, Breen deixou Morena assumir o controle da situação com sua voz alegre e seu olhar compreensivo.

— Ela sentiu sua falta no verão, mas o pior foi o peso que sentiu por não ter contado a você, que é um amigo querido, tudo isso. Agora, como um amigo bom e forte, você vai ficar do lado dela para o que der e vier. Como todos nós.

— Você trabalhou bem — admitiu Harken, baixinho, e pôs a mão no ombro de Morena. — Você vai se sentir mais estável depois da poção, e faminto também. A travessia esvazia a gente.

— Eu diria que essa parte vale para todos nós. Não passamos pela Árvore de Boas-Vindas — contou Keegan. — Tive que abrir um portal temporário, mas seria só para dois.

— Ah, vocês devem estar morrendo de fome, então. Sobrou ensopado do jantar suficiente para preencher esse buraco. Vou esquentar.

— Todo mundo é tão bonito assim aqui? — perguntou Marco.

Morena lhe deu um soquinho no braço.

— Você que é. Bem, eu sou uma inútil na cozinha, mas vou ajudar Harken com a comida. Vocês vão dormir aqui, imagino. Tem espaço suficiente.

— Eu não queria que Marco fizesse outra travessia tão cedo, por isso nós não poderíamos ficar na cabana esta noite. E eu prefiro não acordar Nan e Sedric — Breen olhou para Keegan. — Seria bom dormir aqui, realmente.

— Vocês são bem-vindos, claro. Está melhor, Marco?

— Sim, estou me sentindo bem. Mais do que bem. Obrigado.

Ele olhou para dentro da caneca e franziu a testa quando conseguiu se sentar.

— O que tem aqui?

— Tem aquilo de que você precisava. Termine essa cerveja, irmão, depois Breen vai levar você para comer. Harken é um cozinheiro mais que decente, então você não vai passar fome.

Quando Keegan saiu, Marco olhou para sua cerveja.

— Você e eu, garota, precisamos ter uma longa conversa.

— Eu sei, vamos conversar. E está tudo naquele pen drive que eu te dei. Escrevi tudo do jeito que aconteceu, desde meu encontro com Morena e o falcão dela em Dromoland.

— Ela é a garota do falcão?

— É.

— Tudo bem. Me empreste o notebook que eu vou ler o que você escreveu. Depois nós podemos conversar.

— O notebook não funciona aqui. Não há tecnologia em Talamh.

Por um momento, Marco, adorador da tecnologia, só conseguiu ficar olhando para Breen.

— Está me zoando. Vocês conseguem viajar pelo multiverso, acendem velas pela sala, têm asas, mas não têm wi-fi?

— Vou te explicar tudo, prometo. Amanhã nós voltamos para a cabana, a nossa cabana na baía. Lá você pode ler o que eu escrevi e também ligar para Sally. Vai precisar de umas noites de folga. Vamos dizer... vamos dizer que você decidiu voltar para a Irlanda comigo por alguns dias, até eu me acomodar de novo. Mas não pode contar nada sobre isto aqui, Marco.

Os olhos de Marco se encheram de pavor.

— Vamos ter que passar por um desses portais de novo?

— Sim, mas vai ser mais fácil, prometo. Vamos, você precisa comer e dormir um pouco. Amanhã... todo o resto fica para amanhã.

— Todo o resto? É muita coisa?

— Bastante. — Ela acariciou o rosto de Marco e seu cavanhaque.
— Bastante mesmo.

— Você estava com medo de voltar, deu pra notar. Se é tudo magia e fadas aladas, por que você estava com medo? — Ele olhou para onde Keegan e os outros haviam ido. — Não era de nenhum deles, deu pra ver isso também.

— Não, de nenhum deles. É uma longa história, Marco. Por enquanto, digamos apenas que tem um Grande Mal por aí.

— Muito grande?

— Muito. Eu seria uma imbecil se não tivesse medo, mas sou mais forte agora do que era antes. E vou ficar ainda mais.

Ele pegou a mão dela quando se levantou.

— Você sempre foi mais forte do que pensava. Se este lugar te ajudou a ver isso, já gostei.

— Este lugar, essas pessoas e outras que eu quero que você conheça antes de voltar para casa. — Breen apertou a mão dele. — Agora, vamos comer. Estou sentindo o cheiro daquele ensopado e morrendo de fome.

Marco abandonou o assunto, especialmente porque não cabia mais nada em sua cabeça. Depois de comer, embora achasse que não conseguiria dormir, desmaiou no instante em que se jogou na cama que Keegan lhe indicara.

O galo o acordou, o que foi bastante estranho. Além disso, ele se viu em um quarto que não era o seu, com um fogo baixo ardendo na lareira, a luz pálida do sol entrando pelas cortinas rendadas e a inquietante percepção de que nada da noite anterior havia sido um sonho.

Ele queria Breen, café e um banho longo e quente, e não sabia onde encontrar nenhum deles.

Levantou-se e, meticoloso como era, percebeu que havia dormido sem trocar de roupa. Talvez um dos irmãos gostosos pudesse lhe emprestar alguma coisa para vestir depois que tomasse banho.

Olhou para o relógio que usava no pulso, que lhe permitia monitorar seu sono, seus passos, bem como o tempo, e franziu a testa diante da tela preta.

Saiu do quarto sem saber as horas e desceu na ponta dos pés.

Ouviu vozes – vozes femininas – e as seguiu até a cozinha que havia visto na noite anterior.

Breen e Morena estavam sentadas diante de uma escrivaninha que também era usada para fazer refeições.

Breen se levantou.

— Acordou! Achei que fosse dormir mais.

— Ouvi um galo cantar. Acho.

— Bem, nós estamos em uma fazenda. Sente aqui. Vou pegar um chá para você.

— Café, Breen. Minha vida por um café.

— Hum... Bem...

Ele cobriu os olhos com a mão.

— Não me diga uma coisa dessas.

— O chá é muito forte, bem bom. Está com fome?

— Preciso de uma chuvaírada.

Ela lançou para ele aquele olhar triste de novo.

— Hum... Bem...

Ele se sentou com a cabeça entre as mãos.

— Como é que alguém passa um dia aqui sem café e sem banho?

— Nós temos banheiro aqui — disse Morena. — E lindas banheiras bem grandes.

— Marco não curte banheira.

— Porque a gente fica sentado dentro da água suja.

— Até que você tem certa razão — concordou Morena. — Posso te arranjar um chuveiro lá fora.

— Pode?

— As fadas estão conectadas aos elementos. Se você quiser uma chuva quente e gostosa, eu posso ajudar. Lá fora, claro.

— Sim, claro, lá fora. — Marco pegou a xícara que Breen lhe entregou e experimentou o chá. Pestanejou. — Acho que o esmalte dos meus dentes acabou de derreter. Alguma chance de alguém me emprestar umas roupas?

— Você é menor que Harken, mas posso conseguir uma camisa e uma calça. Vamos procurar um lugar para o seu banho. — Morena abriu um armário e pegou um sabonete marrom. — Gostei das suas tranças — elogiou, enquanto abria a porta dos fundos. — Eu não teria paciência para fazer tantas. Do outro lado do celeiro. É mais reservado.

— Fico feliz.

— Amigo da minha amiga é meu amigo também. É melhor ali na grama, senão vai fazer um lamaçal. Pronto. — Ela colocou as mãos nos quadris. — Como você quer a água?

— Quente. Não queimando, mas quente e gostosa.

— Quente, então. — Morena entregou o sabonete a ele.

De calça e botas, e com a blusa não mais do avesso, Morena ergueu as mãos com as palmas para cima. Mexeu os dedos como se estivesse puxando algo para si.

Uma chuva fina, leve como pluma, começou a cair. Conforme ela mexia mais os dedos, ia ficando mais forte, apenas em uma área que não chegava a uns dois metros quadrados.

Marco sabia que estava de boca aberta, mas não conseguia fechá-la.

— Experimente com a mão, se quiser. Veja se está quente o bastante. Ele estendeu a mão e sentiu o calor, a água, fascinado.

— Sim, está boa. Você... Que incrível! Jesus, não estou sabendo lidar com tudo isso.

— Acho que você está indo mais do que bem. — Morena começou a se afastar. — Vou buscar as roupas e uma toalha para você.

— Obrigado. Hmmm, como eu desligo isso?

— Vai durar quinze minutos. É melhor começar logo.

Depois que ela se foi, Marco desperdiçou quase um minuto olhando para a chuva mágica antes de se despir e entrar debaixo daquela felicidade.

Depois, já vestindo um traje “chique rural” – segundo ele mesmo definiu –, e revigorado com um ovo frito com torrada, sentia-se quase normal.

— Eu sei que nós precisamos conversar — disse Breen — e ir para a cabana, mas preciso ver minha avó primeiro. Preciso vê-la e quero pegar Porcaria.

— Quero conhecer esse cachorro, e sua avó.

— Ela não mora longe. É uma caminhada gostosa.

— Tudo bem. Estou tentando levar as coisas numa boa. — Ele a seguiu para fora da casa. — Parece a Irlanda. Eles parecem irlandeses. Tem certeza de que não...

— Não é. Você tentou usar o celular, não tentou?

Marco passou a mão sobre o bolso da calça emprestada.

— Sim, tentei, e nada. E, sim, eu tomei um banho de fada há mais ou menos uma hora. Foi o melhor banho da minha vida. Mas não parece real.

— Eu sei.

— Tem a baía, mas não é a baía da Irlanda onde nós ficamos. E estou vendo montanhas bem ali, mas não são as mesmas. Tem flores para todo lado, muitas ovelhas e vacas. E cavalos. Cavalos na fazenda. Você aprendeu a montar em um desses?

— Sim. — Breen decidiu não apontar para a área onde aprendera a usar uma espada... precariamente, sob o treinamento implacável de Keegan. — Você tem que saber montar aqui. Não existem carros.

— Não existem carros.

— Não existe tecnologia nem máquinas. Eles escolheram a magia.

— Não tem torradeira — lembrou Marco. — Você torra o pão na boca do fogão a lenha. Tira a água do poço, ou pede para uma fada. Pra você tudo bem?

— Eu tinha a cabana do outro lado para trabalhar. Mas existem jeitos de escrever aqui; jeitos mágicos. Aqui tudo é puro, Marco, pacífico, e vivo. Acho que me apaixonei.

— Memória sensorial, lembra? Você nasceu aqui. Aqueles são os irmãos gostosos?

— Irmãos gostosos? — Ela riu e passou o braço pelo dele. — Sim. Harken é fazendeiro até a alma. Keegan é mais um soldado, mas adora a fazenda e trabalha nela quando pode. Ele tem muita responsabilidade, porque é o *taoiseach*.

— É o quê?

— Significa líder. Ele é o líder de Talamh, dos feéricos.

— Tipo rei Keegan?

— Não, não é bem assim.

Era muito estranho, percebeu Breen, explicar a ele coisas que ela mesma só havia aprendido, ou recordado, alguns meses antes.

— Aqui não existem reis nem governantes. Ele é o líder. Escolheu e foi escolhido. É uma longa tradição que tem raízes no folclore. Tem um lago — começou, mas Marco a agarrou e a puxou.

— Puta merda, Breen, corra! Vamos para aqueles bosques ali!

— Que foi? Ah, não, não. Está tudo bem. É o dragão de Keegan.

— É o quê?

— Calma, respire. Aqui as pessoas têm dragões, mas não como aqueles que devoram princesas virgens em algumas histórias. Eu já montei naquele.

Marco ainda apertava Breen com força.

— Montou nada.

— Montei, e foi maravilhoso. Eles são leais. Quando se ligam a uma pessoa, são leais a ela. E são lindos. Meu pai tinha um.

— Acho que preciso sentar. Não quero te assustar, menina, mas meus joelhos estão falhando de novo.

Antes que Marco pudesse se sentar, ouviram um latido alegre na estrada. Porcaria, com seu topete e sua barba se agitando, corria para Breen.

— Aí está você! Aí está você! — Rindo, ela caiu para trás quando ele pulou em cima dela se balançando inteiro, desde o topete até o rabo fininho. — Nossa, você cresceu. Está maior que eu. Também estava com saudade. Estava morrendo de saudade!

Ela o encheu de beijos, abraços e carinhos.

— Esse é Porcaria.

— Imaginei. Nossa, ele é meio roxo mesmo, como você falou. Você devia chamá-lo de Hendrix, por causa de “Purple Haze”. Você é uma gracinha, cachorrinho! Uma gracinha!

Esquecendo o dragão, Marco se agachou, e Porcaria o recompensou com lambidas e o rabo abanando.

— Ele gosta de mim!

— Ele é o cachorro mais doce do mundo. Nan sabe que estou aqui. Se ele sabe, ela sabe. Vamos ver Nan.

Porcaria correu alguns metros à frente, esperou abanando o rabo, depois correu para a frente e para trás de novo.

— Ele é um cachorro feliz. Sua avó... é o quê?

— Ela é do clã dos Sábios. É uma bruxa com um pouco de *sidhe*. Já foi *taoiseach*.

— E o mandato dela terminou.

— Não, ela renunciou, então veio outro. Depois meu pai foi líder. Agora o líder é Keegan. Vou te explicar tudo.

— E o seu avô?

— Ele não está aqui, e nós queremos que continue assim. Ele é o Grande Mal. — Breen pegou a mão de Marco e virou na estrada que levava à cabana de Mairghread. — Tenho muita coisa para te contar.

— Bota coisa nisso.

— Nan me deixou ir embora, mesmo ficando triste com isso. Depois que meu pai morreu, ela mandava o dinheiro que minha mãe escondeu de mim. E, por razões que eu vou explicar, e porque sabia que eu estava infeliz, ela deu um jeito de eu descobrir sobre o dinheiro. Depois disso, as escolhas foram minhas. Parar de dar aula, vir para a Irlanda... Ela fez a cabana para mim e mandou Porcaria me encontrar. Ele me trouxe aqui. Ela me ama do jeito que meu pai me amava e eu mal me lembrava disso. Do jeito que você, Sally e Derrick me amam. Como eu sou. E ela abriu meu mundo.

— Então, acho que vou amar a sua avó também.

Havia flores agrupadas e espalhadas, temperando o ar com o cheiro de outono. A cabana de pedra robusta sob o telhado de palha esperava com a porta azul aberta.

Mairghread saiu com um de seus vestidos longos verde-folha. O cabelo vermelho brilhante coroava sua cabeça. E, com os olhos azuis enevoados úmidos, pousou a mão no coração.

— Você é muito parecida com ela — murmurou Marco. — E ela nem parece uma avó.

— Eu sei. Nan!

Marg esticou os braços e Breen correu para eles.

— *Mo stór*, bem-vinda a sua casa. Bem-vinda, minha doce menina! Você está bem. — Ela ergueu o rosto de Breen. — Eu sinto e vejo isso. Meu coração está tão feliz! — Marg puxou Breen para si de novo e sorriu para Marco por cima do ombro da neta. — E você é Marco, não é?

— Sim, senhora.

— Você é bem-vindo aqui, sempre. — Ela estendeu a mão para ele. — Minha porta está aberta para você. Foi uma jornada estranha, não foi? — Segurou a mão dele mais um pouco, observando o rosto, os olhos profundos e escuros, o cavanhaque bem recortado e o sorriso ansioso de Marco. — Você é um grande amigo de minha Breen Siobhan, e um bom homem também. Eu vejo isso, e agradeço aos deuses. Entre e sente-se.

Ela os conduziu através da sala de estar, com sua lareira crepitante e o sofá cheio de lindas almofadas bordadas, até a cozinha.

— A cozinha é para a família. Vamos tomar um chá, e Sedric fez biscoitos de limão esta manhã.

— Onde ele está?

— Ah, por aí — disse Marg.

— Não, eu pego o chá, Nan. Sente-se com Marco.

— Está bem, então.

Marg se sentou à mesinha quadrada e deu um tapinha no tampo para que Marco fizesse o mesmo.

— E você é músico?

— Tento ser. — Marco via Breen e o pai, um homem que ele também amara, em Marg. — Pago o aluguel trabalhando no bar.

— No Sally's. Breen me contou tudo sobre Sally e Derrick e o seu local de trabalho. Sedric diz que é bem divertido.

— Ele esteve lá?

— O homem de cabelo prateado que você achava que eu estava imaginando — esclareceu Breen enquanto pegava as folhas de chá de um dos potes da prateleira.

— Ah... desculpe por isso.

— Nós estávamos preocupados com Breen, sabe? Nos últimos dois

anos, cada vez mais. Ela ia arrastada para a escola, e não sentia que o lugar dela era lá.

— Não era mesmo. — Breen encheu o bule azul com água da chaleira de cobre que ficava no fogão e pressionou as folhas dentro dele para molhá-las.

— Não era, mas você era uma boa professora mesmo assim, muito melhor do que imaginava. Isso era uma preocupação — Marg disse a Marco. — Breen se achava tão pouca coisa, esperava tão pouco de si mesma...

A semelhança já havia quebrado o gelo para ele, e as palavras de Marg o derreteram.

— Era o que eu sempre dizia.

Marg riu e se aproximou, como se estivessem compartilhando segredos.

— Ela pintava o lindo cabelo de castanho para não ser notada, e usava roupas sem graça para esconder esse corpo lindo.

— Minhas palavras.

Marg riu de novo e Breen revirou os olhos.

— Vocês dois preferem que eu saia?

Marco ignorou Breen enquanto ela colocava o bule na mesa e voltava para pegar xícaras e pratos brancos.

— A mãe dela a fazia pensar e agir assim. A sra. Kelly sempre foi boa para mim, mas...

— Você não vai me ouvir falar mal dela. Mãe é mãe, e, quando ela e Eian fizeram Breen, foi com amor verdadeiro.

— Eu o amava. Aliás, eu queria dizer o quanto lamento a morte dele. Ele me deu a música, me ensinou. Me deu um violão quando eu fiz nove anos e mudou o meu mundo.

— Ele falava de você.

— Jura?

— Ah, sim, muitas vezes. Eu conhecia você pelo que meu filho contava. Grande talento, dizia ele, uma luz brilhante. E um amigo tão bom e verdadeiro para sua filha como ele poderia desejar. Eian amava você, Marco.

Os olhos de Marco marejaram, e Marg pegou a mão dele.

— Breen vai levar você ao lugar onde ele descansa. É um lugar sagrado. Eu sei que sua vinda para cá não foi planejada, mas, para ser sincera,

estou muito feliz por você ter vindo. Estou muito feliz por conhecer o amigo mais querido de Breen do outro lado.

— Ainda não consegui me acostumar com tudo isto.

— É muita coisa para absorver, não é?

— As coisas aconteceram muito depressa e eu não tive tempo de contar tudo a ele. — Breen colocou os biscoitos na mesa e começou a servir o chá. — Nós vamos para a cabana, se você não se importar.

— Ora, claro! É sua, não é? Finola está enchendo a despensa agora mesmo. E está ansiosa para ver o belo Marco de novo.

Ele corou.

— Ela não precisava fazer tudo isso. Nós podíamos ir à aldeia comprar mantimentos. Nossa, temos que trocar dinheiro, Breen. Não sei quanto eu tenho no bolso.

— Não é preciso dinheiro em Talamh. — Ela se sentou e pegou um biscoito. — Eles não usam.

— E como vocês conseguem as coisas?

— Fazendo permuta — explicou Marg, e tomou um gole de chá. — E é um prazer para nós receber bem vocês na Cabana Feérica.

— Mas Breen me contou que o pai dela, depois a senhora, mandava dinheiro para ela.

— Sim. Existem maneiras de arranjar dinheiro. Os *trolls* são mineradores, e nós temos artesãos e coisas do tipo. E há pessoas do outro lado, em outros mundos, que compram e vendem coisas.

— Isso mudou a vida dela. Não só o dinheiro, mas saber que o pai cuidava dela, que ela podia usar esse dinheiro para deixar de fazer o que não amava e tentar fazer o que amava. — Marco olhou para Porcaria, que estava comendo feliz o biscoito que Breen lhe dera. — O livro que ela escreveu sobre esse garoto é ótimo. Chegou a ler?

— Li, sim. Muito divertido, como o personagem-título.

— Ela escreveu outro, para adultos. Mas não me deixou ler.

— Nem a mim.

— Não estou nem perto de terminar — interveio Breen. — Ainda acho que deveria sair para dar uma volta e deixar vocês dois à vontade.

— Nós temos muita coisa para conversar, não é, Marco?

— Sim, senhora.

— Por favor, só Marg. É assim que a maioria das pessoas me chama. Ou então, como você é irmão da minha menina, pode me chamar de Nan.

Enquanto ela falava, a porta dos fundos se abriu e Marco viu, pela primeira vez, o homem de cabelo prateado.

Breen deu um pulo para abraçá-lo, e Marco notou a surpresa e a alegria do sujeito.

— Bem-vinda ao lar, Breen Siobhan. E bem-vindo, Marco Olsen.

— Você existe mesmo! Desculpe, é que eu não acreditava.

— Bem, você não seria o primeiro.

— Sente-se. Não, sério, senta aqui — insistiu Breen. — Vou buscar a cadeira do meu quarto. Ainda está lá?

— Sempre estará lá — afirmou Marg.

Breen pegou outra xícara e outro pratinho.

— Quando voltei para a Filadélfia, fui confrontar minha mãe... Foi difícil.

— Eu sei, querida — disse Marco.

— Andei muito quando saí da casa dela, tentando me acalmar. Ela escondeu tudo de mim, tudo isso, minha herança, meus dons, e me colocou dentro de uma caixa. Eu sei que foi por medo, por mim — acrescentou, antes que Marg pudesse falar. — E, quando sentei no ponto de ônibus, Sedric estava lá. Estava lá porque eu precisava de alguém. Jamais vou me esquecer disso. E jamais vou esquecer o que Keegan disse. Que ela tem medo de mim também. Medo do que eu sou, do que eu tenho. E acho que um dia vou conseguir perdoá-la por isso. Vou pegar outra cadeira.

Quando ela saiu, Marg suspirou.

— O coração dela vai ficar mais leve quando conseguir perdoar. — Pegou o bule e serviu chá para Sedric. — Marco, você veio sem trazer o que poderia precisar ou desejar para sua estadia. Faça uma lista para Sedric que ele vai buscar o que você quiser.

— Você pode fazer isso?

— Posso, e será um prazer.

— Porque você é... um bruxo? Um feiticeiro?

— Bruxo? Só um pouquinho. Eu sou um animórfico.

A mão de Marco ficou paralisada no ar quando foi pegar um biscoito de limão.

— Animórfico? Tipo um lobisomem?

— Não, embora eu conheça vários que se transformam em lobo. Mas eles não ficam loucos por carne e sangue na lua cheia, garanto. Sou um homem-gato.

— Como um leão?

Marg deu uma risadinha e fez um gesto com a mão.

— Ande, Sedric, mostre ao rapaz.

Sedric deu de ombros e sorriu. E se transformou em gato.

Embaixo da mesa, Porcaria começou a abanar o rabo, feliz.

— Ah! — Breen estava entrando com a cadeira e viu Marco de olhos arregalados. — Nunca tinha visto você se transformar. É tão fácil!

O gato voltou a ser homem e pegou sua xícara de chá.

— O homem e o espírito animal são um só. Para viajar para outros mundos, meu lado bruxo ajuda. Diga do que precisa que eu trarei para você.

Marco levantou o dedo.

— Vamos beber alguma coisa bem forte mais tarde.

— Nós temos um vinho maravilhoso — disse Marg.

— Obrigado, mas, mesmo diante de tudo isso, ainda é meio cedo para mim. Mais tarde eu vou aceitar. Quanto ao que eu vou querer de lá, acho que depende. Breen estava com medo de voltar. Estava determinada, mas com medo. Keegan disse umas coisas, foi tudo muito rápido, muito confuso, mas ele falou que a liberava do dever, da promessa.

— Falou? — perguntou Marg.

— Sim, e Breen me contou que existe um Grande Mal, e ela vai me explicar tudo. Então, não sei do que vou precisar até saber por que alguém quer fazer mal a ela.

— Você não contou a ele sobre Odran?

— Nan, eu não sabia que Marco ia pular no portal daquele jeito, e ele estava, você pode imaginar, atarantado e passando mal. Tenho tudo escrito e quero que ele leia, e depois eu conto tudo.

— Essas coisas ele precisa saber aqui e agora, e, cedo ou não, um gole de vinho de maçã não faz mal a ninguém.

Sedric deu um tapinha no ombro de Marg.

— Deixe comigo.